

O QUE SE ESCREVE E QUEM ESCREVE
 Por **Alfredo Guisado**

«FÁTIMA DESMASCARADA»

JOÃO ILHARCO

O professor sr. João Ilharco, que deve ter dedicado grande parte da sua vida a documentar o livro que acabou de publicar sobre Fátima, vem de apresentar um volume de perto de trezentas páginas, volume a que deu o nome de «Fátima Desmascarada» e o subtítulo «A Verdade Histórica Acerca de Fátima. Documentada com Provas». Obra em que pretende explicar e explica o que se passou com aquela complicada história em que intervieram inúmeras pessoas e se escreveram várias outras páginas, que coloca a questão em presença de factos que mais parecem um romance do que propriamente um caso acontecido, que tem tomado uma extensa e admirável maneira de ser resolvido. Ora o dr. João Ilharco, com este seu novo volume que me dizem já se ter esgotado e publicado ou a publicar nova edição, aparece agora com palpáveis provas do que afirma e que chega a possibilidade de não admitir o caso de Fátima e o que em seu redor se tem vindo a acentuar no sentido de se fazer o reclame ao culto no sítio onde até um determinado Papa, Paulo VI, veio, com a sua presença concordar com o que se tem dito e redito no sentido de, afinal, não aceitar ou não acreditar o que no campo da verdade se explica como aconteceu. O que é verdade é que o caso de Fátima que se conta de infantil maneira, tem levado dezenas de pessoas a inventarem a forma de complicarem o que é simples, a fim de acompanharem, como se costuma dizer, a água ao seu moinho. O dr. João Ilharco usa de uma impressionante maneira de conduzir o caso com a sua calma e sem pressa demasiada, com o fim de convencer os que pretendem ouvi-lo com a precisa atenção e apresenta provas que convencem os que ainda não estão convencidos. Mas, como se costuma dizer, não há mais perigosos cegos do que aqueles que não querem ver.

«EU CONTINUO A FALAR DE AMOR»

JOSÉ DE MELO

Ora no próprio livro vêm as palavras que seguem e que as recomendo aos leitores, visto que os poemas que o autor apresenta merecem cuidado e atenção e parece-me de curioso apresentar o que Jorge Daun assina neste pequeno volume, que diz assim:

E, em «Continuo a Falar de Amor», é logo o mito sebástico

PROFECIA

Um dia virão todos chamar-me Amigo Como quem diz Perdão E eu abraça-los-ei Como se nada tivesse acontecido

ALBERTO MARTINS RODRIGUES

SELUS—ALBUNS
 MATERIAL FILATÉLICO
 LISTA DE PREÇOS GRÁTIS
ELÁDIO DE SANTOS
 RUA BERNARDO LIMA, 27
 Telef. 497 25 LISBOA-1

que volve, à mistura com o presente; ainda que em forma hiperbólica e a contracorrente de ressonâncias auto-irónicas, é a referência a tudo o que é português o que sobreleva nos poemas. Mas isto são aspectos que interessarão apenas à lusitanidade do autor, para quem a Europa, se não acaba, começa pelo menos com o seu mundo, o mundo português, através do qual a Europa se reflecte e sem o qual a Europa lhe parece diminuída. Outros aspectos haverá, porém, a evidenciar.

Escrevia eu, para «Aqui e Outros Poemas», que poesia descritiva, poesia antidescritiva, discursividade e intientropia, expressão polifónica, emblemática, magia, aneantização, para-óptica, personalização e despersonalização, fenomenologia lírica, poesia pura e unidade cósmica, o conjuro mágico, exploração das possibilidades sonoras e associativas das palavras, objectivação e desobjectivação, objectificação e desobjectificação, abstracção e concreção, consonância e dissonância, formalismo e simplificação e lírica dinâmica, confessionalismo e anticonfessionalismo, humanização e desumanização, parataxe e substantivação, fragmentação e tensão, forças alógicas e pré-semiologia, indeterminação dos determinantes, simultaneísmo, descontinuidade, mínimo telegráfico, ideográfica, e muito mais do que arbitrariamente se citava, — tudo estava no poeta e na Poesia, quando Poesia e poe-

ta eram história, lição, eram tempo. Mais dizia que não é poeta quem quer, não é poeta quem sabe, e que mal dos poetas que não soubessem, mal dos poetas que não quisessem, — pois que poetas somos todos nós. Ora todas estas palavras de 1964, acrescidas das que introduziram o apontamento em presença, continuam válidas e interessarão, como introdução ao poeta e à poesia de «Aqui e Outros Poemas» e de «Eu Continuo a Falar de Amor». Mas há conveniência em propor mais alguns tópicos. A exemplo, e a propósito destes livros, poderia falar-se de lirismo antilírico, ou de antilirismo lírico? Não se poderia formular a sugestão de um antilirismo? Não seria altura de se dizer mais algumas coisas, de demarcar terrenos? Não seria, por outro lado de chamar a atenção para a Arte Poética que constitui o 2.º poema de «Eu Continuo a Falar de Amor», ou seja: «Este cigarro não é pelo cigarro?»

SO SE PUBLICAM REFERÊNCIAS AOS LIVROS DE QUE NOS SEJAM ENVIADOS DOIS EXEMPLARES



«A mulher palhaço», quadro de Félicien Roque

ALBERTO DÜRER

(Continuado da página anterior)

des italianas, trouxe-lhe um grande benefício cultural e artístico que veio a repercutir-se na qualidade dos seus trabalhos.

Ao regressar a Nuremberga, no ano de 1495, abriu um atelier e começou a trabalhar por conta própria, voltando de novo à gravura.

Como gravador, Dürer é considerado um dos maiores de todos os tempos. As primeiras gravuras que o tornaram conhecido fora para a ilustração do «Apocalipse de S. João» e «Paixão». Quaisquer destas obras estão ainda muito impregnadas de medievismo. Mas as suas melhores gravuras, consideradas obras-primas da gravura alemã, são: «O Cavaleiro, a Morte e o Diabo», «S. Jerónimo na sua cela» e «Melancolia». Esta última é a mais original de todas as suas criações: plena de simbologia, acumula uma série de detalhes numa pequena superfície (cerca de 24x17) conseguindo um conjunto perfeito. «Melancolia» é uma mensagem de tristeza e de solidão perante as limitações do conhecimento humano.

Diz-se que Dürer nasceu gravador, se é certo que nasceu gravador, não é menos certo que se tornou um grande pintor e um colorista de muita sensibilidade, como o prova a harmonia cromática dos seus óleos e aquarelas.

A motivação da sua pintura a óleo é quase sempre de carácter religioso, com excepção dos autorretratos e retratos em que foi exímio, não só pelo realismo da imagem, como pela penetração psicológica dos retratados.

Na impossibilidade de falar em todas as obras, apenas destacaremos três dos seus óleos mais representativos, executados a partir de 1507, data em que o artista regressou da sua última viagem à Itália:

«Adão e Eva» — dum grafismo mais livre e harmonioso. Esta é a sua única obra considerada inteiramente moderna e que melhor acusa a influência do classicismo italiano.

«Adoração da Trindade» — retábulo de composição complexa e muito estudada, onde se encontram retratados os notáveis de Nuremberga e o próprio Dürer. Este retábulo segundo os críticos, é um precioso resumo do talento do artista.

«Os quatro Apóstolos» — terminados dois anos antes da morte de Dürer, marcam o apogeu da sua obra e constituem um testemunho artístico feito à sua terra natal. Graves e majestosos, mas despidos de misticismo, «Os quatro Apóstolos» ilustram a Bíblia de Lutero. Completam estes painéis advertências contra a intolerância de católicos e reformados transcritas pelo calígrafo Johann Neudörffer

Entre as suas últimas obras também se conta o «S. Jerónimo»

mo», oferecido pelo artista, em 1521, a um «certo Rudrigo de Portugal» e que se encontra actualmente em Lisboa, no Museu Nacional de Arte Antiga.

Em 1528 morreu Alberto Dürer, o artesão-artista que, tendo vivido na confluência de dois mundos, herdara da Idade Média: a fé, o simbolismo, a preocupação da morte (quase sempre presente nos seus trabalhos); e da Renascença: a inquietação intelectual, o individualismo, o sentido crítico e das proporções.

Tal como Leonardo de Vinci, de quem muito se aproxima como humanista, compôs várias obras teóricas, entre elas um tratado sobre as proporções do corpo humano; e ainda como Leonardo de Vinci, o seu interesse pela natureza era constante: um caranguejo, um papagaio, uma flor, o musgo dum rochedo, um campo-nês, um príncipe... Tudo descreveu com o mesmo carinho e força sem discriminação de beleza ou de importância.

Este realismo universal aproximava-se de um panteísmo, mas de um panteísmo pessimista, envolvido numa poética atormentada em que entra uma simbologia carregada de ameaças: a ampulheta que conta o tempo, a morte com a foice inevitável. E todo o peso de uma velha herança germânica que vem desde os nibelungos e que, sucessivamente tem sido transportada por Dürer, por Goethe, Schopenhauer, Nietzsche, Wagner...

Com efeito, Dürer viveu a Renascença, mas ficou fiel à Idade Média. Foi um artista gótico fascinado pela Itália, um artista, um artista que procurava a beleza, mas que dizia ignorá-la, um mis-

tico que era ao mesmo tempo um humanista.

Destas múltiplas antinomias resultaram a magnífica complexidade e riqueza da obra de Dürer.

Nesta época de centenários hiperbólicos e de comemorações retóricas, eu recomendo ao leitor uma romagem discreta ao Museu Nacional de Arte Antiga para contemplar a bela cabeça de S. Jerónimo, obra de um homem que tinha «mãos de artífice, coração de poeta e cérebro de filósofo».

SILVIA SOARES

SOMBRA DA NOITE

É um rapaz melancólico, Tem o olhar dum alcoólico, Nunca ninguém o viu rir! Passeia sempre sozinho, Parece não ter caminho E sofrer em existir!

Está quase sempre a fumar, Afasta-se para chorar, Olha tudo com desdém! Que triste rapaz aquele: Não se sabe nada dele, Não quer saber de ninguém!

Mas conta-se, todavia, Que há numa casa sombria, Uma fechada janela, E que ele, de vez em quando, Ali fica soluçando, Toda a noite, a olhar p'ra ela!

J. MONTALBERNE

Porto, 1950

(Do livro «Fumo Negro»)

MADRIGAL

DORA

DORINHA ANDORINHA

EMANUEL FÉLIX